

Empresário critica a política de Washington

"A mistura, nos Estados Unidos, de uma política monetária apertada com um deficit fiscal sem precedentes castiga duramente o resto do mundo, de modo especial os países em desenvolvimento que se endividaram na década passada". A afirmação foi feita ontem pelo presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antônio Oliveira Santos, durante cerimônia na qual condecorou o chanceler Saraiva Guerreiro com a Grã-Cruz do Mérito Comercial.

Oliveira Santos afirmou que "os organismos financeiros internacionais vivem à mingua de recursos e, com o colapso da reciclagem voluntária pelos bancos comerciais, os países do Terceiro Mundo enfrentam hoje severo racionamento de crédito. As regras do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, GATT, se transformaram em letras morta, e as pressões protecionistas ameaçam o crescimento de nossas exportações".

Após dizer que "o quadro econômico internacional não é apenas injusto, mas também ilógico", o presidente da CNC destacou que "os países que nos pedem para apressarmos o pagamento da dívida externa são os mesmos que opõem barreiras às nossas exportações, como se houvesse alguma fórmula mágica pela qual pudéssemos criar divisas e transferi-las para o exterior".

A exemplo do que faria pouco depois o chanceler Saraiva Guerreiro, Oliveira Santos também criticou os países desenvolvidos, lembrando que os dirigentes desses países afirmam que a dívida externa é problema a ser resolvido exclusivamente entre os países devedores e seus credores particulares, com a assistência do FMI, esquecidos de que suas políticas macroeconômicas

é que determinam os principais parâmetros dessa própria dívida, a começar pelos juros".

Oliveira Santos fez demorados elogios ao Itamaraty (destacando que "nossa diplomacia tem sido suficiente pragmática para não apenas lutar pela transformação das relações econômicas internacionais e se empenhar no corpo a corpo do cotidiano para que nos ajustemos da melhor maneira possível ao quadro vigente") lembrando ainda que "há um ano, nem os profetas do otimismo ousavam projetar, para 1984, superávit comercial em torno de 12 bilhões de dólares. Chegaremos a esse resultado em parte pelo amadurecimento dos projetos de substituição de importações, iniciados há cerca de dez anos, e que permitiram que, em uma década, nossas compras no exterior caíssem à metade enquanto o produto real aumentava 44 por cento. Mas, em grande parte, pelo excepcional impulso adquirido pelas nossas exportações no ano em curso. Impulso que, aliado ao bom desempenho da agricultura, permitirá, após um triénio recessivo, voltarmos a crescer de 3 a 4 por cento no corrente exercício".

Pouco adiante, novos elogios ao trabalho realizado pelo chanceler seu homenageado: "Diplomacia e comércio marcham juntos, e sob o comando do ministro Saraiva Guerreiro, o Itamaraty se consolidou como um dos mais ágeis pontos de apoio do exportador brasileiro. Num momento em que mercado externo e interno são complementos e não substitutos, essa ação da nossa diplomacia não beneficia apenas os que vendem produtos ao exterior. Estende-se, em dimensões equivalentes, aos que se concentram no desenvolvimento do mercado interno".